

Jornal Negócios

Periodicidade: Diário

Temática: Economia

Classe:

Economia/Negócios

Dimensão: 3036 Imagem: S/Cor

02-09-2013

Âmbito: Nacional **Tiragem:** 18239 Imagem: S/Cor Página (s): 4 a 8



5.º Pedro Passos Coelho, Primeiro-ministro



PORQUE DESCE

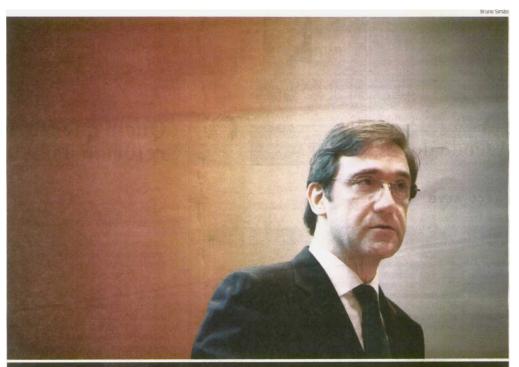
Ao contrário do que projectou, 2013 ainda não vai ser o ano do crescimento. Apesar de se ter empenhado, não conseguiu um acordo para trazer o PS para o consenso em torno do período pós-troika. Perdeu dois ministros em quem depositava muita confiança – Vítor Gaspare Miguel Relvas – epor pouco via o Governo desfazer-se. Pelo meio, a reforma do IRC veio dar novo alento às empresas. Mas Passos Coelho continua a ter no Tribunal Constitucional a principal pedra no sapato, vetando-lhe as principais medidas.

ASCENSÃO

PEDRO PASSOS COELHO, 49 ANOS

- Nasceu em Coimbra, a 24 de Julho de 1964
- Passou a infância em Angola, para onde se mudou com o pai, que era médico. Regressou aos dez anos, para viver em Vila Real.
- Começou a ligação à política num congres so da União dos Estudantes Comunistas.
- Entrou na JSD aos 14 anos, por causa de um campeonato de cartas.
- Foi presidente da "jota" entre 1990 e 1995, e deputado até 1999. Só depois foi para a universidade: licenciou-se com 37 anos.
- Ganhou a presidência do PSD em 2010.
- Tornou-se primeiro-ministro após pouco mais de um ano como líder da oposição.

POR FERNANDO SOBRAL, PEDRO SANTOS GUERREIRO, JOÃO MALTEZ E BRUNO SIMÕES



THE PROPERTY OF THE PROPERTY O

FUTURO SOB O SIGNO CHINÊS: CAVALO

YANG (POSITIVO):

Rápido e trabalhador. Focado no sucesso. Gosta de se sentir apoiado. Não gosta de ser limitado por regras.

VIN (NEGATIVO): Teimoso. Recusa escutar os conselhos dos outros.

"SE A OPOSIÇÃO FALASSE FRANCÊS, NOS ENTENDERÍAMOS MELHOR", dizia nos momentos de maior tumulto parlamentar, o ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso. Pedro Passos Coelho tem um problema mais vasto: não tem uma língua comum com a oposição e com o Tribunal Constitucional. E, por vezes, ele e o seu companheiro de coligação parecem falar idiomas diferentes, como se viu na "crise" que ia fazendo cair o Governo. Passos Coelho apenas se entende sem tradutor com a troika. E é por causa disso que muitas das medidas que propõe para combater a dívida e o défice esbarram em conflitos: foi a TSU, as reformas, os despedimentos de funcionários públicos, os impostos. Uma lista infindável de conflitos de linguagem que levaram também a que o seu outrora braço-direito, Miguel Relvas, tenha abandonado o barco.

CURIOSIDADE

Passos Coelho é um apreciador de música e chegou a tentar a sua sorte num "casting" para um musical "My Fair Lady", de Filipe La Féria. Não foi aprovado, porque é barítono e o encenador procurava um tenor. Anos antes, na candidatura à Câmara da Amadora, Passos Coelho fez-se sempre acompanhar de uma banda de música. No ano passado, comentou o chumbo do corte dos subsídios de férias, pelo Constitucional, à entrada para uma peça de La Féria no Politeama.



Jornal Negócios

Periodicidade: Diário

Temática: Economia

Classe: Âmbito: Economia/Negócios

Dimensão: 3036 Imagem:

02-09-2013

18239 Tiragem:

Página (s): 4 a 8

FORÇA HERCÚLEA

FOCADO. Pedro Passos Coelho tem um rumo. E segue-o sem grandes hesitações, nem que para isso tenha de enfrentar todos os obstáculos e prescindir dos velhos apoios políticos para conseguir descobrir novos alentos para cada nova fase.



FRAQUEZA AQUILIANA

TEIMOSIA. O primeiro-ministro não abdica das suas convicções. Como mais facilidade dispensa colaboradores de velha data, como Miguel Relvas Determinado em seguir à risca os acordos com a troika e a política de desvalorização interna. Passos não cede.

"Só há uma coisa pior do que lutar com aliados - é lutar sem eles".

WINSTON CHURCHILL

AMIGOS

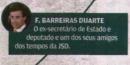
MIGUEL RELVAS Saiu do Governo, mas a amizade mantém-se. Relvas piou Passos desde o início.



VASCO RATO

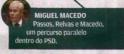


ÂNGELO CORREIA



O ELEVADOR DO PODER • Quem são os candidatos a entrar no "top 50" do próximo ano - e quem este ano perdeu poder.

PRÓXIMO PODEROSO











ALIADOS















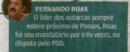




EX - PODEROSO



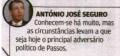


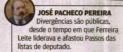






INIMIGOS





MÁRIO SOARES Soares começou por elogiar Passos Coelho, hoje é um crítico forte das suas políticas.

JOSÉ SÓCRATES Foram ao ponto de não se voltarem a encontrar a sós, sem testemunhas por perto.

NUNO MORAIS SARMENTO Nunca esteve ao seu lado e

criticou-o publicamente, Tem amenizado o tom do discurso.

Saiu da presidência do Banif -Investimento eperdeu influência. Integra um fundo de reestruturação de empresas, o Global Reach, mas está longe de ter o protagonismo de outrora.

ARTUR SILVA FERNANDES

FALSO PODEROSO



SHEIK AL JABAR

Protagonizou um "conto das arábias" em Portugal. Apareceu com grande pompa, investiu, ficou a dever, falou-se de fraude,

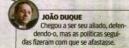
ARMÉNIO CARLOS É o mais contundente adversário da política do

Partilharam glórias na JSD, distanciaram-se, José Eduardo Martins é dos poucos desalinhados

ALEXANDRE SOARES DOS SANTOS A aversão a José Sócrates aproximou-os, muito embora S dos Santos já tenha criticado as

FORA DE ÓRBITA









02-09-2013

Jornal Negócios

Periodicidade: Diário

Temática: Economia

Classe:

Economia/Negócios

Âmbito: Tiragem:

Nacional 18239 Dimensão: 3036 Imagem: S/Cor Página (s): 4 a 8

2013 OS MAIS
PODEROSOS
DA ECONOMIA PORTUGUESA

Passos, um CEO à mercê do travão Constitucional

O primeiro-ministro de Portugal tem vários poderes. Consegue influenciar os seus ministros, consegue persuadir a sociedade através das suas intervenções, consegue persuadir o poder económico. Em linguagem empresarial, é um CEO: manda mais que o Presidente da República (que assume as funções de 'chairman'), mas hoje em dia, a troika, por um lado, e as decisões do Tribunal Constitucional têm-lhe

enfraquecido a capacidade de moldar o País às suas próprias convicções. O Governo, de coligação, também retira força a Passos Coelho, em comparação com chefes de Governo com maiorias parlamentares de um só partido.

Alguma vez se questionou sobre quais são os poderes efectivos de um primeiro-ministro em Portugal? O Negócios foi fazer esse exercício junto de comentadores, especialistas e ex-governantes. Actualmente, o primeiro-ministro está refém de vários condicionalismos. "Se tiver uma maioria absoluta e uma coligação de um só partido, o primeiro-ministro é o centro do poder em Portugal", explica Marcelo Rebelo de Sousa, ex-presidente do PSD. "Mas se a coligação treme, como tremeu, o peso não é tão grande como se fosse primeiro-ministro de uma maioria de um só partido",

como o primeiro mandato de Sócrates, "ou de uma coligação em que ele mande, como Sá Carneiro".

A somar a isto, há o "memorando de entendimento, e a situação de protectorado". "Uma boa parte das decisões são tomadas de fora, por Bruxelas [Comissão Europeia], Frankfurt [BCE] e Washington [FMI]", lembra Marcelo Rebelo de Sousa. Isso "condiciona o peso do primeiro-ministro. Continua a ter,

mas tem menos", resume. Ainda assim, dentro de portas, "é o político que tem mais peso". Marques Mendes, que também já foi presidente do PSD, considera que o primeiroministro "tem um poder muito grande, especialmente num regime como o nosso, com pendor mais parlamentar do que presidencial".

Merkel manda mais? Sim e não Com o exterior a retirar poder de



Apesar de todas as condicionantes, (...) o primeiro-ministro tem um raio de acção maior que o do PR.

MARCELO REBELO DE SOUSA Comentador e ex-presidente do PSD Miguel Baltazar

No momento em que intervém em público, só com o poder da palavra, tem mais poder do que qualquer outro órgão político.

Luís MARQUES MENDES

Comentador e ex-presidente do PSD

OS PODERES DO PRIMEIRO--MINISTRO

Quem é mais poderoso: o primeiro-ministro ou o Presidente?

Ainda que, na prática, o Presidente da República possa vetar as iniciativas do Governo, esse é um poder-travão que pode ser contornado com uma maioria parlamentar. Por isso, para Marcelo Rebelo de Sousa, o primeiro--ministro é o político mais influente do País. "Dentro dos protagonistas

internos, acaba por ser aquele que tem maior peso", sintetiza o comentador. António Costa Pinto partilha da mesma opinião: "No sistema político português, o poder do primeiro-ministro é maior e mais mobilizador que o do Presidente". O poder executivo torna o primeiroministro mais influente.

O primeiro-ministro tem mais influência na economia do que Angela Merkel?

É possível defender que sim e que não. Em termos de política europeia - como se viu recentemente na questão do orçamento europeu - "não há comparação possível", concede Marques Mendes. Além disso, explica um ex-governante, a chanceler alemã consegue influenciar a presenca do

investimento alemão em Portugal.
Por outro lado, as decisões
específicas sobre o rumo do País
continuam a pertencer a Passos
Coelho. "Na microdecisão, o poder é
do primeiro-ministro. A chanceler
nunca vai dizer como é que se
reforma o Estado", acrescenta
Marques Mendes.



Jornal Negócios

Periodicidade: Diário

Temática: Economia

Classe:

Economia/Negócios

Âmbito:

Dimensão: 3036 Imagem: Página (s): 4 a 8

02-09-2013

18239 Tiragem:

O primeiro-ministro português é, em condições normais, a pessoa mais poderosa do País - mais ainda do que o Presidente. Mas estas não são condições normais. E nos dias de hoje, o chefe do Governo arrisca-se a ser travado sucessivamente pelo Constitucional. E um CEO com menos poder do que Sócrates em 2005

brunosimoes@negocios.pl

decisão ao primeiro-ministro, é legítimo perguntar se a chanceler alemã tem ou não mais influência na economia portuguesa. Um exgovernante de Passos Coelho, que não se quer identificar, lembra que Merkel pode "influenciar, do ponto de vista da produção industrial, a presença de empresas alemãs em

Marques Mendes, por outro lado, entende que, ainda que Angela Merkel tenha "mais capacidade de influenciar", a nível macro (na Europa), ele fica por aí. "Na micro-decisão, o poder é do primeiro-ministro. A chanceler nunca vai dizer como é que se reforma o Estado ou como se põe a Justiça a funcionar em Portugal", exemplifica. Além disso, "os empresários alemães são mais desprendidos do poder do que os portugueses". "O poder económico anda excessivamente dependente do poder polí-

Problema Constitucional

Fruto da intervenção da troika, o Governo tem ido muitas vezes ao Tribunal Constitucional (TC). E não por vontade própria. O TC "não disputa o poder, mas tem uma intervenção que condiciona" mais do que o habitual, observa Marcelo Rebelo de Sousa. Isso acontece

"por causa da situação de crise". Tal como o Presidente da República, o TC é um travão, que ganhou maior peso por causa das medidas que têm sido levadas ao seu conhecimento", descreve o comentador.

Por outro lado, o actual primeiro-ministro tem "um controlo bastante significativo sobre o seu partido", nota o politólogo António Costa Pinto. "Dificilmente se vê uma revolta do grupo parlamentar".



Tem um controlo bastante significativo sobre o seu partido (...) e o monopólio integral de controlo político do Governo.

ANTÓNIO COSTA PINTO

Politólogo e professor no Instituto de Ciências Sociais



O primeiro-ministro tem o poder de dizer ao ministro das Finanças para considerar uma redução de impostos.

E o Parlamento, pode ser influenciado pelo primeiro-ministro?

Sim. De acordo com António Costa Pinto, politólogo e docente universitário no ICS, "tem havido, desde Cavaco Silva [1985], uma tendência para a governamentalização". Isto é, "o PS e o PSD são partidos que, no fundo, são subordinados ao primeiro--ministro". Por isso, apesar de, em

teoria, os deputados serem independentes do Governo, isso não acontece na prática, argumenta Costa Pinto. "No caso português, dificilmente se vê uma revolta do grupo parlamentar, ou críticas ao Governo", exemplifica. O "PM" tem, assim, um "controlo bastante significativo" sobre o partido.

E a banca, é mesmo tão poderosa como se pensa?

A banca continua a ter a decisão final sobre se cria linhas de investimento de apoio às empresas - apesar dos apelos do Executivo. Porém, nota um ex--governante, o poder da banca está agora mais enfraquecido, por causa das fragilidades de diversos bancos, que tiveram de recorrer a

empréstimos do fundo de recapitalização da banca. Esse resgate reduziu a independência dos bancos, porque o Estado passa a ser accionista. De qualquer forma, a banca é um sector que tem sempre um poder assinalável, como se viu no pedido de resgate em 2011.

43.º Paulo Macedo 44.º Carlos Tavares 45.º Arménio Carlos 46.º Carlos Silva 47.º Ângelo Correia

49.º Luís Filipe Vieira

CLASSIFICAÇÃO 2013